

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIEDADE E CULTURA

CLÁUDIA SIMONI RODRIGUES MIRANDA

O RIO DE JANEIRO E AS REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO
NAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO

SÃO PAULO

2017

CLÁUDIA SIMONI RODRIGUES MIRANDA

O RIO DE JANEIRO E AS REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO

NAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO

*Trabalho de conclusão para curso de Pós-Graduação Lato Sensu
Especialização em História Sociedade e Cultura pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo.*

Orientador: Prof. Josias Abdalla Duarte

São Paulo

2017

SUMÁRIO

1-Resumo.....	4
2-Introdução.....	5
3-Discussão.....	6
4- Governos Republicanos.....	7
5- O Cronista e as transformações de seu tempo.....	9
6-Democracia/Igualdade/Direitos e deveres.....	9
7-O escritor e sua Obra.....	11
8-Reformas Urbanas.....	13
9-Os Invasores Burgueses.....	14
10-Capitalismo e o Arrivismo.....	15
11- Profissões e a Política.....	16
12- Tecnologia.....	17
13- Beleza Singela.....	17
14- Economia e Administração.....	18
15- Considerações Finais.....	21
16-Referências.....	22

O Rio de Janeiro e as Representações do Cotidiano nas Crônicas de Lima Barreto.

Cláudia Simoni Rodrigues Miranda¹

RESUMO

Marginalia (1956) é uma coletânea de cento e uma crônicas e cinco contos escritos por Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) ao longo de sua carreira como autor e jornalista. O Advento da República como tema principal em suas crônicas, contos e romances trás ao leitor a reflexão e as transformações políticas, econômicas e sociais, anseios e desejos da sociedade do final do século XIX para o início do século XX, as permanências e as continuidades, as representações do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro são apresentadas por Lima Barreto em uma análise crítica, cômica e sátira dos acontecimentos que marcaram o início da República no Brasil.

Palavras Chave:

Marginalia, Crônicas, República e Lima Barreto.

ABSTRACT

Marginalia (1956) is a collection of a hundred and one chronicles five stories written by Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) throughout his career as an author and journalist. The Advent of the Republic as the main theme in his chronicles, short stories and novels the reader behind the thinking and the political, economic and social transformations, wishes and desires of the society of the late nineteenth to the early twentieth century, the permanence and continuity the representations of the life of the city of Rio de Janeiro are presented by Lima Barreto in a review, and comical satire of the events that marked the beginning of the Republic in Brazil analysis.

Keywords:

Marginalia, Chronicles, Republic and Lima Barreto.

¹ Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Latu Sensu Especialização em História, Sociedade e Cultura sob a orientação do professor Josias Abdalla Duarte apresentado no primeiro semestre do ano de 2017.

“Na hora da derrota, da suprema humilhação, era na literatura que Lima Barreto, pensava. Contemplando aquele espetáculo de miséria física e intelectual, em que os homens se rebaixavam à condição de verdadeiros animais, como o náufrago que não perdeu ainda de todo a esperança, ele pedia: - “Ah! “A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela”.

(BARBOSA, 1964, p. 219).

INTRODUÇÃO/ OBJETIVO

O intuito deste trabalho é abordar a crítica de Lima Barreto em relação à Primeira República e os problemas políticos, econômicos e sociais que marcaram a implantação do regime republicano e que transformou o cotidiano da sociedade no final do século XIX para o século XX.

A imagem do povo brasileiro travadas por lutas, anseios, desilusões, problemas raciais, a pobreza, a política, a demografia e a urbanização do Rio de Janeiro são representados por Lima Barreto em suas crônicas e contos. A literatura para ele se torna uma arma afiada e poderosa, onde, através de suas palavras sarcásticas e alegóricas tem como alvo a burguesia seus representantes e o Estado. Segundo Daniel Morais em sua tese narrando sobre a influência da crônica e seu autor ele cita que:

“Lima Barreto certamente entendia a importância que suas crônicas e folhetins possuíam. Preparou, ainda em vida, a edição de três volumes reunindo parte de seus trabalhos – Bagatelas, Feiras e Mafuás e Marginalia² – os quais, infelizmente, não viu serem publicados. Um quarto volume de crônicas, Vida Urbana, foi organizado postumamente. A cidade foi o elo entre suas crônicas”. (ANGELIM, 2008, p. 25).

² Marginalia doravante abreviados por MG.

DISCUSSÃO

O cenário de todo esse movimento aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, por ser principalmente a capital da República maior em população e economicamente estava à frente das demais capitais brasileiras. (...) “Aproveitando de seu papel privilegiado na intermediação dos recursos da economia cafeeira e de sua condição de centro político do país (SEVCENKO, 1995, p. 27) os problemas sociais passam a ser o objeto de suas crônicas bem como a elite dominante da sua época, para o escritor que sofreu preconceito, pela pobreza e racismo. (...) “Não há dúvida que Lima Barreto sofria por ser mulato e pobre”. ‘É triste não ser branco’, segredava numa das páginas do seu Diário Íntimo”. (*Diário Íntimo*, BARRETO in BARBOSA, 1964, p. 87).

O lado crítico da história brasileira narrada de forma sucinta trás a tona todo o realismo de uma nação que estava presa aos grilhões de um passado marcado por uma raiz de preconceitos e costumes vivenciados principalmente por uma classe menos favorecida. As transformações presenciadas e todo o movimento intelectual a favor da República fazem desse evento Segundo Nicolau Sevcenko ainda se tratando deste novo processo:

“Assinalando nitidamente um amplo processo de desestabilização e reajustamento social, o advento da ordem republicana foi marcado também por uma série contínua de crises políticas – 1889, 1891, 1893, 1897, 1904. Todas elas foram recontadas por grandes ondas de ‘deposições’ ‘degolas’ ‘exílios’, ‘deportações’ que atingiram principalmente e em primeiro lugar as elites tradicionais do Império e o seu vasto círculo de clientes; (...)”
(SEVCENKO, 1995, p. 25).

Sua percepção estava em observar as coisas mais simples, o rejeitado pela sociedade ou amigo que era raro, fazia parte de sua vida tão cheia de altos e baixos. Foi criticado pelos literatos da época e sua forma de expressão e escrita não era vista como satisfatória, tornando difícil seu crescimento como um autor renomado.

Seu estilo representou uma nova vertente, que certa forma se diferenciava dos demais escritores que se expressavam no estilo europeu, há de convir que Lima é considerado um dos percussores do pré-modernismo.

O autor se torna um mediador entre as encenações e tensões vividas pela sociedade da época.

Figura 1



Fonte: <http://epocanegocios.globo.com/Revista/E>

1. Governos

Republicanos - Na crônica *A Política Republicana*, (A.B.C., Rio, 19-10-1918) Lima Barreto expressa todo seu desprezo pelos que se dizem republicanos, diretamente ele desabafa

com os leitores, desejando que o novo regime realmente trouxesse transformações para os humildes, contrariado com as atitudes da elite. A República, “trazendo à tona dos poderes públicos, a borra do Brasil, transformou completamente os nossos costumes administrativos e todos os “arrivistas” se fizeram políticos para enriquecer”. (BARRETO, *in* MG, 1956, p. 78). O autor desperta no leitor reflexões com os acontecimentos que havia por trás desse movimento, os políticos se beneficiavam com os lucros obtidos por suas posições favoráveis. (...) “O que havia neles, não era a ambição de dinheiro. Era, certamente, a de glória e de nome; ” (BARRETO *in* MG, 1956, p. 78) usavam como fachada a queda da Monarquia e o advento da República como solução para um novo modelo de Brasil. Segundo Emília Viotti: “A proclamação da República teria sido facilitada pelo desprestígio que recaía sobre a Monarquia, em virtude das críticas que os próprios monarquistas lhe dirigiam”. (COSTA, 2007, p. 448). Os fatos políticos e sociais ocorridos no início do século XX, analisados por meio de suas crônicas, presenciadas por Lima Barreto em sua época mostram as permanências históricas de sua contemporaneidade. Em sua crônica... “No império, apesar de tudo, ela tinha alguma grandeza e beleza”, “os homens tinham elevação moral e mesmo, em alguns, havia desinteresse”. (BARRETO *in* MG, 1956, p. 78).

Percebe-se a ironia de suas palavras e sua objetividade em expor as idéias dos políticos em ganhar dinheiro à custa dos mais oprimidos. E para finalizar de forma cômica o autor recita: “Viva a República! ” (BARRETO *in* MG, 1956, p. 80).

O contexto histórico em que o Brasil estava inserido deixa evidente que havia conflitos de ideologias, expectativas de melhoria em todos os setores; moradia, fortalecimento da indústria, aumento de mão de obra estrangeira, já que a presença dos imigrantes é o alvo para o setor econômico do momento, uma nova fachada para o Brasil moderno a nova capital terá que ser bonita e limpa desenhada pelos pintores modernos uma nova Paris para aos olhos das outras nações. Segundo Angelim as transformações na capital econômica aconteciam cada vez mais rápidas o cotidiano do carioca tendia ao impulso do capitalismo e do modernismo, o lema agora era ordem e progresso.

“O Brasil entrou – e já era tempo – em fase de restauração do trabalho. A higiene, a beleza, a arte, o ‘conforto’ já encontraram quem lhes abrisse as portas desta terra, de onde andavam banidos por um decreto da Indiferença e da Ignomínia coligadas. O Rio de Janeiro, principalmente, vai passar e já está passando por uma transformação radical. A velha cidade, feia e suja, tem os seus dias contados”. (SEVCENKO, 1995, p. 30).

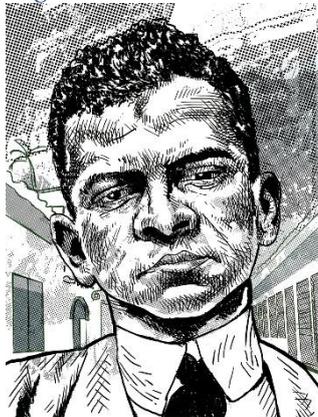
A exploração do negro para o trabalho escravo parecia chegar ao fim com a abolição da escravidão. “Nessa concepção a escravidão dificultaria e até entravaria o processo de formação do proletariado como classe (Foot e Leonardi, 1982:109) outro problema que tínhamos que superar com a liberdade tão desejada o escravo não tem onde morar e a economia cafeeira passavam por uma nova realidade trazer aventureiros de todos os lugares para ampliar o lucro obtido nas lavouras de café. Pensando no crescimento populacional Sevcenko afirma que: “A própria especulação fiduciária que se seguiu à instauração da República atuou como um catalisador populacional, atraindo aventureiros e mão-de-obra desocupada de toda parte” (SEVCENKO, 1995, p. 51).

Pelo fato de Lima Barreto passar por várias instituições possibilitou seu contato com sujeitos da mais elevada camada social, sentindo ele próprio essa diferença como escritor e atuante na comunidade em que vivia. De um ponto de vista crítico e literário essa fronteira entre dois mundos aguçou a sensibilidade do autor para a escrita fortalecendo a elaboração dos seus textos possibilitando a produção de uma crítica inconfundível e com característica perspicaz.

O autor e biógrafo Francisco de Assis Barbosa esmiúça com clareza detalhes da vida de Lima Barreto seus autos e baixos, infância e juventude.

“Se algum mérito houver, o que cabe a outros e não a mim reconhecer, será produto da paciência e da habilidade de quem armou o jogo de puzzle que resultou nesta biografia.” (BARBOSA, 1964).

Figura 2:



“Não se destina, pois, a Floreal a trazer a público, obras que revelem uma estética novíssima e apurada; ela não traz senão nomes dispostos a dizer abnegadamente as suas opiniões sobre tudo o que interessar a nossa sociedade, guardando as conveniências de quem quer ser respeitado.” (Lima Barreto, Floreal, Rio de Janeiro, 1907).

Fonte: <https://www.livrariacultura.com.br/revis1>

2. **O Cronista e as transformações de seu tempo** - Sofreu com certeza com questões de temperamento, raça e menosprezo por parte dos colegas, tanto na escola como no jornal onde passava alguns momentos redigindo e escrevendo suas crônicas, tentando desesperadamente um reconhecimento por suas obras, trabalhar para burguesia era algo que não o satisfazia, mas era necessário, quem sabe surgiria uma chance para a publicação dos seus livros.

Com ironia e metáforas o autor apelava como observador que era para todos os movimentos da burguesia, os seus personagens críticos, representava o povo humilde e lutador que oprimido trabalhava para combater a miséria, a carestia a fome e o preconceito.

Ao escrever para o “*Floreal*”, Lima chamava à atenção ao público leitor, “Burros ou inteligentes, geniais ou medíocres, só nos convenceremos de que somos uma ou outra coisa, indo ao fim de nós mesmos, dizendo o que temos a dizer com a mais ampla liberdade de fazê-lo.” (BARRETO, p. 6, 1907).

3. **Democracia/ Igualdade/ Direitos e Deveres** - Outra crônica é a *Palavras dum Simples*, (Hoje, Rio, 22-7-1922) nela o autor mostra o seu descontentamento em como os políticos faziam política era de fato para o povo que cada vez mais descontente

ficava fora da realidade não acreditando mais em falatórios mentiras dos tais enganadores de palavras que se encarregavam em mantê-los longe da importante função do regime político do Brasil. “Para mim a política, conforme Bossuet³ tem por fim tornar a vida cômoda e os povos felizes”. (BARRETO *in* MG, 1956, p. 58). Na verdade em seu ponto de vista, Lima se encarregava de expor com palavras coerentes a hipocrisia dos governantes, mostrarem a sociedade o que era feita com o dinheiro do povo. Nesta crônica o autor desabafa comparando o prefeito com funcionário de confiança do conselho da “Idade Média”, “são atualmente piores que os almotacés do Conde de Resende”. (BARRETO *in* MG, 1956, p. 58) utiliza o dinheiro para construírem hotéis caríssimos para hospedarem estrangeiros, “De forma que, no tempo de El-rei nosso senhor, as autoridades municipais se encarregavam do bem-estar-estar do seu povo, como se dizia antigamente;” (BARRETO *in* MG, 1956, p. 58).

Percebe-se novamente a forma pelo qual o autor satiriza a democracia. “Por estas e outras eu sou completamente avesso a negócios de política, porque não acredito nela e muito menos nos políticos”. (BARRETO *in* MG, 1956, p. 58). Para Lima Barreto o Estado não estava preocupado com o problema social do homem simples importante era mudar a forma de governar sem explorar o povo.

Nesta mesma crônica, *Palavras dum Simples*, nota-se uma intriga entre o atual presidente do Brasil, o senhor Artur Bernardes com seus opositores que se sentia contrariado e triste com as calúnias em relação a sua posse e criticava a ação do exército a seu favor eram rivalidades constantes da elite política com os republicanos e militares.

O autor percebe com detalhes até então ocultos a verdade por trás dessa inquietação. O poder de governar faz qualquer indivíduo ser capaz de proferir sermões para ludibriar seus súditos com intenção de satisfazer suas ambições. Daí a expressão vinda do autor... “Tenho para mim que se deve experimentar uma “tábua rasa” no regime social e político que nos governa; mas mudar só de nomes de governantes nada adianta para a felicidade de todos nós”. (BARRETO *in* MG, 1956, p. 59).

³ Jacques Bossuet (1627 - 1704) foi bispo e teólogo francês, um dos teóricos do absolutismo. Foi autor de *A Política tirada da Sagrada Escritura* publicada em 1709.

É uma crítica direta ao modo de fazer política o regime para Lima estava corrompido tem que se mudar o pensamento para que as ações dêem resultados positivos para o povo. Quando ele cita o regime "maximalista" como uma nova esperança de governo é uma afirmação para dar ênfase a uma nova ideologia, dominados e dominantes a luta constante do pobre para crescer na sociedade e o rico permanecer como dominador se manter no patamar do poder.

4. **O Escritor e suas obras** - Além das crônicas *Marginalia* (1956)⁴ e dos contos *Numa e Ninfa* (1915) *O Cemitério*, *Ele e suas idéias*, *A doença de Antunes*, *Porque não se matava* Lima Barreto escreveu obras importantíssimas como *Clara dos Anjos* (1948), *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911), *Retorno do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *Os Bruzundangas* (1923) e *Diário Íntimo* (1953), que fizeram seus personagens famosos e cômicos, representava o homem simples, trabalhador e esperançoso, o sujeito brasileiro, carioca, nordestino, indígena, negro até o branco pobre que sofria discriminação por parte da elite.

A representação do Brasil e todo o seu aspecto sócio econômico criam novos rumos em sua literatura então passa a escrever fatos importantes que considera peculiares como a moda, os transportes, os hábitos corriqueiros e as diferenças nos costumes da sociedade da sua época. O crescimento cultura vai estimular não só Lima Barreto, mas os poetas e cronistas do seu tempo a se manifestarem em forma de crítica poética ou cômica expressando suas idéias, suas curiosidades e seus contentamentos em relação ao comportamento da burguesia e do homem simples da sociedade em que vivia. Nicolau Sevckenko se referindo a esse movimento cita que:

“A crônica social teria uma importância básica nesse período de riquezas movediças. Era a tentativa de dar ordem, pelo menos aparente, aos caosos de arrivismos e aventureirismos, fixando posições, impondo barreiras, definindo limites e distribuindo tão parcimoniosamente quanto possível as glórias. Ela concorre para frear ou legitimar, pela hierarquia do

⁴ O organizador da coleção das Obras de Lima Barreto (em 17 volumes), Francisco de Assis Barbosa, achou por bem inserir as duas peças no fim da nova edição de *Marginalia*, volume que havia sido publicado originalmente em 1953, pela Editora Mérito, e que em 1956 saía pela Brasiliense.

pecúlio, o frenesi de “aristocratizações” *ex-abrupto* que brotam como cogumelos pela sociedade republicana adentro”. (SEVCENKO, 1995, p. 39).

Com toda sua percepção e tradição Lima Barreto começa a participar e a se entrosar com artistas, jornalistas e escritores em reuniões de bares e cafés o seu tempo era dividido entre a leitura e as conversas que acontecia nestes locais. A biblioteca era o seu refúgio o seu quarto seu esconderijo era nesse pequeno cubículo que o autor formulava suas idéias, (...) “e ali se trancava, esquecido do resto do mundo, para ler ou escrever”. (BARBOSA in BARRETO, 1964, p. 132) para redigi-las e contra-atacar os nobres e pomposos da elite.

Propagandistas da República como Aristides Lobo, colocam em questão perguntas e críticas de como a República chegou ao Brasil e que mudanças ela trouxe ao povo. A sociedade estava realmente preparada para entender essa nova concepção de progresso e que o Brasil deixava de ser Império e se tornava um país Republicano? Muitos autores, como J. Murilo de Carvalho, “acentuam a ausência do povo nesse processo, o que aproximaria a proclamação da república brasileira de um movimento golpista, instaurador de uma ditadura típica dos governos caudilhistas sul-americanos”. (HILSDORF, 2011, p. 59). O povo comum aparecia como espectador ou simplesmente como figurinos em uma peça de teatro.

Emília Viotti em seu comentário sobre a Abolição e República cita que: “Afirma-se freqüentemente que a Abolição provocou a queda da Monarquia porque os fazendeiros que até então tinham apoiado o império aderiram, por despeito ou vingança, à República”. (COSTA, 2007, p. 454). Na verdade, os historiadores procuravam um alibi que justificasse o rompimento do antigo regime para essa nova ordem na cidade do Rio de Janeiro.

A sua escrita simples e direta faz o leitor refletir os aspectos morais, intelectuais e o cotidiano do povo brasileiro do final do século XIX para o início do século XX.

A compreensão encontrada por Lima Barreto em seus escritos, denota um aspecto particular em fazer uma análise da situação que se encontravam os autores intelectuais do início do século XX.

Figura3:



Fonte: <http://pre.univesp.br/as-reformas-do-rio-1>

“Saturei-me daquela melancolia tangível, que é o sentimento primordial da minha cidade. Vivo nela e ela vive em mim” (BARBOSA, 1964, p. 291).

5. **Reformas Urbanas** - Na crônica *15 de novembro*, (*Careta*, Rio, 26-11-1921) escrita pelo autor um ano antes de sua morte ele aborda a questão da ruptura e continuidades da má administração que perdura mesmo após trinta e dois anos da proclamação da república. O velho problema da corrupção que insiste em permanecer no meio dos políticos, para o autor lembranças como o aspecto da favela do Salgueiro e outras imagens de lugares pobres, trás um retrospecto de regressão e não de progresso ou modernidade, gastar cinco mil contos para reconstrução da Avenida Beira-Mar é provar que, “a República é o regime da fachada, da ostentação, do falso brilho e luxo de parvenu, tendo como repousoir à miséria geral”? (BARRETO *in* MG, 1956, p. 33). Apesar das novas idéias a república brasileira foi resultado de uma formação da oligarquia e a base da economia social brasileira.

Lima Barreto que morava no subúrbio distante da cidade fala nesta crônica toda sua melancolia e tristeza por sua desmotivação em comemorar essa data, não vê motivo para tanta festa, nem sequer leu notícias a respeito do fato. Entretanto relata sua tristeza ao ler a notícia da morte da Princesa Isabel, demonstra uma verdadeira simpatia pela eminente senhora como relata.

Na verdade Lima nasceu no dia 13/05/1881, dia que se comemoraria a libertação dos escravos e este fato vai carregar consigo por toda a sua juventude, “esse saudosismo monárquico era uma das extravagâncias do escritor revolucionário, que tudo recusava

ao regime republicano, a ponto de dizer sem rebuscos: ... o Brasil é uma vasta comilança”. (BARBOSA in BARRETO, 1964, p. 35).

6. **Os Invasores Burgueses** - Em *O Jardim Botânico e as suas Palmeiras*, (*Tudo*, Rio, 26-6-1919) sua crítica vai contra-atacar a burguesia, logo de início ele qualifica “essas gentes novas” como “invasores” de sua querida cidade o seu Rio de Janeiro, como cita em sua crônica. Ele lamenta pela extinção e destruição da paisagem tão bela de sua cidade que para ser idêntica a cidade de Paris precisa necessariamente de construções pitorescas com grandiosos gastos para chamar a atenção dos estrangeiros que com “espírito frívolo” encontra no Brasil a cordialidade e o encanto de sua beleza natural. O estrangeiro se torna o invasor um inovador de ideias para o autor que sem escrúpulo destrói sua cidade sem sentimento pela natureza ou respeito pelo bem patrimonial de sua cidade natal. “A presença estrangeira era ainda muito forte entre a classe proprietária”. (CARVALHO, 1987, p. 79). Segundo Sevcenko Euclides da Cunha “alardeia a importância do capital e do imigrante estrangeiro, a sua ênfase sobre o modelo da grande propriedade e da preponderância da ação privada, sobretudo paulista, sobre a ação pública, e mesmo a sua paixão pelo industrialismo”. (SEVCENKO, 1995:242). Já Lima Barreto contrariado, “identificava na ativação do crescimento econômico a origem do “espírito de ganância e avidez crematística”, que “infeccionou todo o Brasil”. (SEVCENKO, 1995, p. 243) deixa-se levar pelo estrangeirismo, pela moda do progresso e a disseminação da ciência como veículo para a modernidade encaixar-se no modelo da sociedade européia para avançar a largos passos na construção da nação. Esta burguesia a qual se refere é a elite que se diz culta e educada com instrução e possuidora de todo o seu intelecto e que vai impor a sua ordem usando todos os seus recursos para impactar o povo.

Para Lima a arte não estava em construir, mas conservar o que era belo. O amor ao dinheiro e a carreira de político vai ultrapassar a barreira cultural e o egoísmo humano destrói o verdadeiro significado das palmeiras, do verde, do esplendor das árvores e dos jardins. Lamenta com tristeza e almeja com toda a sua alma, “Quando, meu Deus, ficaremos livres da burguesia”?! (BARRETO *in* MG, 1956, p. 94). Palavras como estas denotas toda a realidade de como a elite burguesa não pensava em manter as lembranças de um Rio natural e sim superficial sem sentido, amorfa e fria já que a presença do sol não será mais necessária em suas praias e nos seus jardins. O interesse estava em construir arranha-céus para mostrar o seu ego econômico e toda a sua estrutura intelectual destrói o que é simples para possuir decerto o caro.

7. **Capitalismo e o Arrivismo** – Lima Barreto percebe todas as modificações das construções das avenidas até a simples remoção das grades do Passeio Público como descreve em sua crônica *A Derrubada* (*Correio da Noite*, Rio, 31-12-1914).

Apesar da crônica estar relacionada ao arrivismo a concepção da beleza grega é o assunto em questão, o mármore representa a frieza na qual os governantes sem medidas usam o dinheiro do povo para embelezar as ruas e a paisagem do Rio de Janeiro, era necessário esquecer o passado colonial e caminhar para um novo futuro, um oásis construído para fortalecer o poder da burguesia.

A economia do Rio de Janeiro estava em desequilíbrio, “O volumoso afluxo de capital estrangeiro capaz de proporcionar um maior impulso à economia tendia em grande parte a ser dissipado em gastos não produtivos”. (SEVCENKO, 1995, p. 50) e frente a esta questão Lima Barreto cria um diálogo provocante e acalorado com seu rival Coelho Neto que não tem noção nenhuma de beleza, não tem ideia da história da Grécia e só pensa em si próprio o egoísmo e a falta de caráter faz com que Lima Barreto atinja o político de forma crítica e direta: “Eu quisera saber se Neto tem a concepção da beleza dos mármorees obesos ou das estatuetas de Tânagra e se aplaudiria as vestes gregas, verdadeiras colchas de retalhos, com que os arqueólogos vestiram há pouco a “Dejanira”, de Saint-Saens”. (BARRETO *in* MG, 1956, p. 87). Aguardava ansioso o contra-ataque de seu rival.

A sua inquietação para as coisas mais simples e naturais o instigava a rebater em suas crônicas. “Mas uma coisa que ninguém vê e nota é a contínua derrubada de árvores velhas, vetustas fruteiras, plantadas há meio século, que a avidez, a ganância e a

imbecilidade vão pondo abaixo com uma inconsciência lamentável”. (BARRETO *in* MG, 1956, p. 87). A valorização pela árvore demonstra seu sentimento pela beleza da paisagem, “Passando hoje, pelo Engenho Novo, vi que tinham derrubado um velho tamarineiro que ensombrava uma rua sem trânsito nem calçamento”. (BARRETO *in* MG, 1956, p. 88) se a rua era calma e não tinha calçada, porque o incomodo em deixar a árvore em seu local de origem, já que, “A venerável árvore não impedia coisa alguma e dava sombra aos pobres animais, que, sob o sol inclemente, arrastavam pelo calçamento pesadas “andorinhas”, caminhões, que demandavam o subúrbio longínquo”. (BARRETO *in* MG, 1956, p. 88). As árvores representavam para o autor um passado que muitos tendiam a tirar da memória.

8. **Profissões e a Política** - A pobreza e a situação social suburbana aguçaram o senso crítico de Lima Barreto em *O “Muambeiro”* (*Careta*, Rio, 7-8-1915) o autor evidencia a falta de interesse do Estado em atender os interesses da população que tentava se manter a custo com suas economias e seus empregos. O cotidiano para superar as dificuldades financeiras, moradia, carestia em produtos de primeira necessidade e a luta pela identidade marcam este conflito social com a chegada desse novo evento a República. E o homem simples... “Era operário não sei de que ofício; ficara sem emprego, mas, como tinha um pequeno sítio lá para as bandas do Timbó e alguma economia não se atrapalhou em começo”. (BARRETO *in* MG, 1956, p. 90). A classe operária sendo massacrada pelo Estado conflitos gerados pela luta constante em se manter na profissão que aos poucos perdia seu valor. O progresso trouxe ao trabalhador preocupações em se adequar as novas diretrizes do poder econômico da nova realidade que tendia a se firmar na cidade do Rio de Janeiro. Segundo Cláudio Batalha falando sobre a formação da classe operária:

“A organização dos trabalhadores, fossem eles qualificados ou não, é um traço marcante do Brasil da Primeira República. O volume de associações criadas tendia a ser particularmente visível em momentos de Ascenso do movimento

operário, quando condições econômicas favoráveis conferiam um maior poder de barganha ao operariado e os movimentos grevistas tinham maiores chances de sucesso”. (BATALHA, 2003:172).

Lima percebe que os poderes públicos e suas práticas não estavam relacionados ao bem-estar do subúrbio carioca.

9. **Tecnologia** - Outra crônica retratando a economia escrita por Lima Barreto é **Um do Povo**, (19-8-1922) o seu personagem Xubregas que era músico e militar tocava piston e se mantinha com as “tocatas”, mal ganhava para sobreviver o jeito era deixar a “arte” da música e procurar um emprego com rendimentos necessários para viver. “Foi lenhador em Costa Barros, caixeiro de botequim em Maxambomba, servente de pedreiro em Sapopemba; hoje, o seu ofício habitual é o de construtor de “fossas”, nas redondezas de Anchieta, onde reside”. (BARRETO in MG, 1956, p. 263). As agruras da vida do homem simples com a chegada da República são representadas em sua crônica como símbolo de esperança e conquista uma luta constante para superar a opressão marcada pela burguesia de sua época.

A arte de saber o ofício fica para um passado de nostalgia a tecnologia obriga o trabalhador a buscar novas técnicas de aperfeiçoamento e novas áreas surge como opção para o homem simples garantir o seu salário.

“Em muitos setores esses trabalhadores de ofícios viam sua importância decrescer com a introdução de novas técnicas de produção, de mecanização e de mão-de-obra mais barata, como o trabalho feminino”. (BATALHA, 2003, p. 170).

10. **Beleza Singela** - Em o **País Rico** (*Careta*, Rio, 8-5-1920) o autor faz uma análise de como nós brasileiros vemos o nosso país. “Não há dúvida alguma que o Brasil é um país muito rico. Nós que nele vivemos não nos apercebemos bem disso; ” (BARRETO in MG, 1956, p. 140). A preocupação com a situação da classe

menos favorecida e as lamentações do governo em não resolver as questões básicas na sociedade como saúde, hospitais, escolas esgotos estimula Lima a criticar e a contradizer os políticos que não tendo álibi para rebater suas palavras o governo apenas responde: “Não aumento porque não tenho verba, não tenho dinheiro”. (BARRETO *in* MG, 1956, p. 140). Nessa crônica o autor mostra o lado triste da cidade do Rio de Janeiro as condições precárias dos cortiços, dos hospitais a quantidade de escolas existentes no subúrbio e a dificuldade dos médicos em combater as epidemias por falta de verbas para comprar vacinas e materias necessários para atender a população enferma.

José Murilo de Carvalho em *Os Bestializados* comenta que a febre amarela foi uma das epidemias que preocupou os sanitaristas, precisava combater o mosquito para prevenir a propagação da doença e por outro o isolamento dos enfermos que seria impossível caso não houvesse a atenção do governo em ampliar alas necessárias para o isolamento. “Surgem epidemias pasmosas, a matar e a enfermar milhares de pessoas, que vêm mostrar a falta de hospitais na cidade, a má localização dos existentes”. (BARRETO *in* MG, 1956, p. 140).

Figura 4:



Fonte: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/1>

“O Rio de Janeiro cantado por Ferdinand Schmidt, um poeta suíço, como “a terra da morte diária, / túmulo insaciável do estrangeiro”. (SEVCENKO, 2003, P. 72).

Quando a notícia se espalhou que a nova capital teria que ser limpa e bonita iniciou-se com a saúde pública: “Oswaldo Cruz enfrentou, em primeiro lugar, a febre amarela, adotando métodos já aplicados em Cuba”. (CARVALHO, 1987, p. 94). Mas o foco não estava somente na febre os cortiços devido o acúmulo de sujeira agregava outra doença a peste bubônica, era preciso exterminar ratos e pulgas e providenciar limpeza nas casas e nos cortiços. O subúrbio carioca passou por transformações e

reboiço para satisfazer um desejo da burguesia que não tinha escrúpulos em provar o seu poder de autonomia e não se preocupava com o bem-estar do povo.

Além disso, Pereira Passos, na ânsia de fazer da cidade suja, pobre e caótica réplica tropical da Paris reformada por Haussmann, baixara várias posturas que também interferiam no cotidiano dos cariocas, particularmente no dos ambulantes e mendigos. (CARVALHO, 1987, p. 95).

Ele finaliza a crônica de forma crítica detalhando os gastos que o Estado tem com coisas insignificantes, “vai dar trezentos contos para alguns latagões irem ao estrangeiro divertir-se com jogos de bola como se fossem crianças de calças curtas, a brincar nos recreios dos colégios”. (BARRETO *in* MG, 1956, p. 141). O cidadão carioca se vê pressionado diante destas novas leis e regras que foram ditadas para a construção da capital da República.

11. **Economia e Administração** - Na crônica **Comédia Nacional** (*Careta*, Rio, 27-5-1922) Lima Barreto satiriza a oportunidade que o Estado criou para reformar o teatro municipal com a história da comemoração do centenário da independência do Brasil. “Agora, com a tal história do centenário, essa gente aproveitou a oportunidade e deu o bote”. (*in* MG, 1956, P. 144). E mais uma vez o olhar acusador do autor criticando os gastos desnecessários do governo em usar o dinheiro dos contribuintes para novamente satisfazer o ego da burguesia, entre eles seu rival Coelho Neto que estava à frente desse negócio para ganhar prestígios de homem intelectual. Honestidade não era exatamente a palavra que usaria para qualificar Coelho Neto, mas uma forma de provocar seu rival... “Basta o nome de Coelho Neto para dar prestígio à *troupe*⁵,”. (*in* MG, 1956, P. 144). O autor não foge à regra usa o tema teatral “O mais engraçado é que essa “comédia” desandou em barulheira”. (BARRETO *in* MG, 1956, P. 144) para

⁵ Palavra de origem francesa que significa: reunião de pessoas que atuam conjuntamente: por exemplo: conjunto de bailarinos; Pej. Reunião de criminosos.

analisar e explorar o tema da *cultura* e com um olhar “marginal”, antiburguês e antiacadêmico argumenta como o homem simples poderá freqüentar um espaço considerado pela elite como lugar dos nobres e intelectuais? O autor censura desse modo, aquilo que vê como uma forma de artifício de poder, restringir o acesso ao conhecimento por pessoas mais simples.

“Ora, teatro não entra classificação e só interessa um reduzido número de cidadãos que, pela sua educação e fortuna, podem freqüentá-los. Porque então essa fascinação dos alguns almotacés⁶ e vereadores pelo teatro? Dizem eles: é uma nobre arte que deve ser protegida”. (BARRETO, *A Comédia Brasileira in MG*, 1956, p. 154).

A crítica pelos gastos do dinheiro público com coisas supérfluas e que sem investimento para o humilde não entra como fator importante na atividade do município e Lima Barreto percebe esta divergência contra-ataca nas palavras e dá ênfase para a preocupação do aumento de empregos para a classe menos favorecida pelo governo (...) “devia antes estimular o estabelecimento da indústria de cerâmica, artística ou não, de vidraria, no Rio de Janeiro?” (BARRETO *in MG*, 1956, p. 155). Aumento de emprego significava diminuição da miséria e das doenças que o carioca teve que enfrentar por um determinado tempo no início do século XX.

⁶ Funcionário encarregado de cuidar da exatidão dos pesos e medidas e taxar ou fixar os preços de gêneros alimentícios. [F.: Do ar. *AL-muhtásibi*]. Dicionário Aulete. Com. BR.

Considerações Finais

As crônicas de Lima Barreto são ferramentas e objetos de estudos necessários para entendermos como o evento da República transformou e estimulou vários escritores da época a se destacarem na literatura, dentre eles José de Alencar, considerado um dos primeiros cronistas brasileiro, Machado de Assis fundador da Academia Brasileira de Letras e Aluísio de Azevedo com seu romance *O Cortiço*.

Lima Barreto com seu lado crítico e polêmico usava suas crônicas, contos e romances para contra-atacar a elite burguesa e os representantes do Estado que oprimiam a classe menos favorecida não dando importância para as finalidades básicas do cotidiano do homem simples que fazia parte do cenário da construção da nova capital do Brasil.

“O cronista escreve tendo sempre em mente o seu público como interlocutor, “revela-se uma fonte muito rica e importante. Por seu estilo, linguagem e meio de difusão, atingia já em fins do século XIX um número grande de leitores”. (ANGELIM, 2008, p. 24-25).

Em suas crônicas questões como a economia, principalmente o setor agro-exportador, a política e o sistema eleitoral a urbanização do Rio de Janeiro e o cotidiano do trabalhador são peças que compõe suas idéias em relação à modernidade do povo brasileiro no início do século XX.

Existe vários temas como a discriminação racial, a miséria e a corrupção que pode ser abordado em sala de aula e instigar o aluno a refletir sobre o comportamento, mudanças as continuidades e permanências que perduram até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELIM, Daniel Morais. (org.). *Crônicas cariocas e ensino de história*, RJ: 7 letras, 2008.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*, 3ª edição, 1964. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, RJ.

BATALHA, Cláudio Henrique M. – Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva, *O Brasil Republicano – I: O Tempo do Liberalismo Excludente*, RJ, Civilização Brasileira, 2003, pp. 163-189.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. SP: Cia. Das Letras, 1989.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*, SP: UNESP, 1999.

ENGEL, Magali (org.). *Crônicas cariocas e ensino de história*, RJ:7 Letras, 2008.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da Educação brasileira: Leituras*. – São Paulo: Cengage Learning, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, SP: Brasiliense, 2003, 2ª. edição.

FONTES

MARGINALIA, Obras de Afonso Henriques de Lima Barreto. (1881-1922).

Obras de Lima Barreto organizadas sob a direção de Francisco de Assis Barbosa, com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961, 2ª. Edição, 17 volumes.